

O Purgatório



Leonardo Boff, certa vez, descreveu o caso do escritor e poeta pernambucano João Cabral de Mello Neto, quando próximo da passagem ao Oriente Eterno, encontrou-o numa espécie de depressão ou estado psicótico, ocasionado pelo medo do inferno, que lhe fora internalizado desde a infância, muito embora não fosse um homem religioso. Para registro, Leonardo foi condenado ao silêncio pelo Papa Bento XVI, na época em que este era o Prefeito da Congregação da Fé. Eu afirmo: Leonardo usou as mesmas palavras para acalantar o espírito de João Cabral de Mello Neto, que o Papa Francisco agora usa como discurso, para garantir que Deus não condena ninguém *Ad Eternum*.

A primeira derrota que o precário conceito de purgatório - inventado pelo Vaticano - sofreu, foi quando Henrique VIII, então, Rei da Inglaterra, renunciou à autoridade papal diante da negativa para o seu divórcio, do que resultou na fundação da Igreja Anglicana, na qual, não existe o conceito de purgatório. Pois bem, o Papa Francisco também anulou este conceito. Antes, por volta de janeiro de 2011, o Papa Bento XVI declarou que o purgatório não é um lugar do espaço, ou do universo, *"mas um fogo interior, que purifica a alma do pecador"*. Bento XVI fez esta declaração diante de mais de 8 mil fiéis que assistiam à sua catequese dedicada à Santa Catarina de Gênova (1447-1510), famosa por sua visão sobre o purgatório. Disse, o Pontífice, que Catarina nunca teria feito revelações sobre o purgatório ou sobre as almas que estão sendo purificadas: *"O purgatório não é um elemento das entranhas da Terra, não é um fogo exterior, mas interno. É o fogo que purifica as almas no caminho da plena união com Deus"*, afirmou. Disse também, que Catarina, *"não partiu do além para contar os tormentos do purgatório e indicar depois o caminho da purificação ou à conversão, mas, partiu da experiência interior em seu caminho rumo à eternidade"*. O próprio João Paulo II concordou com Bento XVI ao afirmar que o purgatório existe mas, *"não é um lugar depois da morte, e sim, o caminho em direção à plenitude através de uma purificação completa"*.

Por volta de janeiro de 2015, o Papa Francisco reverteu este dogma católico ao afirmar que a Igreja *"não condena para sempre"*, ideia defendida pelo Vaticano desde o século XV e iniciada por Santo Agostinho no século VI. Disse, Francisco, aos novos cardeais, que *"o castigo do inferno com o qual a Igreja atormenta os fiéis não é eterno"*; na Igreja Cristã Original, não existe um castigo para sempre. A doutrina de Santo Agostinho, de um inferno e castigo eternos, foi outorgada pelo Concílio de Florença no século XV. Porém, 100 anos antes de Agostinho, São Jerônimo afirmava que o conceito de inferno não se conciliava com a misericórdia Divina. Mesmo assim, a Igreja prosseguiu aterrorizando seus fiéis, prometendo o inferno para aqueles que pecassem.

Francisco colocou-se ao lado da Igreja Cristã primitiva, ainda com odores das vestes do Nazareno, que veio *"para salvar e não para condenar"*. O ato papal tem a magnitude de Nicolau Copérnico ou de Galileu Galilei pois, hoje, o líder católico afirma o que há pouco mais de 16 anos teria sido argumento para condenar um livre pensador e teólogo ao silêncio eterno.